

Lugares e lugaridades: jovens falam de desejos, atitudes e sentidos em seus mundos¹

Places and sense of place: young persons talk about wishes, attitudes and senses in their worlds

Danieli Barbosa de Araújo*
 Jeani Delgado Paschoal Moura**

Resumo:

O objetivo desta pesquisa é compreender a percepção e elaboração de sentidos sobre o lugar pelos jovens moradores de São Sebastião da Amoreira, município localizado no Norte do Paraná, cuja cidade é considerada de pequeno porte. Substanciada pela fenomenologia geográfica procura-se ampliar o debate sobre o papel da educação geográfica humanista para a valorização e o reconhecimento das diversidades e singularidades dos lugares. A técnica de pesquisa envolveu entrevistas, realizadas com jovens, em diversos locais, com roteiro flexível, sem perguntas estruturadas. Como resultado, os jovens expuseram seus olhares e percepções sobre seu espaço vivido. Ao confrontar elementos percebidos na realidade vivida pelos jovens com os conteúdos escolares sobre os lugares e lugaridades, constatamos o distanciamento e a necessidade de aproximação entre os mesmos.

* Geógrafa pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestranda em Geografia pela mesma universidade.

** Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). Professora titular no Departamento de Geociências da UEL.

Abstract:

The objective of this research is to understand the perception and elaboration of feelings over the place of the young people of São Sebastião da Amoreira, a city located in northern Paraná, witch city is considered small. Substantiated by geographic phenomenology seeks to broaden the debate on the role of humanistic geographic education for the appreciation and recognition of the diversity and singularities of places. The research technique involved interviews conducted with young, at various locations, with flexible script without structured questions. As a result, young people exposed their views and perceptions about their lived space. Confronting elements perceived in the reality experienced by young people with school content about the places and sense of space, we notest the distancing and the necessity of approximation between them.

Palavras-chave:

percepção, lugar, juventude, cidade pequena, educação humanista

Key-Words:

perception, place, youth, small city, humanistic education

INTRODUÇÃO

A mobilidade dos jovens, moradores de cidades pequenas, em fase de transição da escola para o mundo do trabalho e/ou para a vida acadêmica, via de regra, leva a conflitos entre permanecer em seu lugar de origem ou se pôr a caminho, em busca de oportunidades de estudo e trabalho nas grandes e médias cidades. Este movimento de ir e vir sempre esteve presente na vida do homem na busca do espaço ideal para o trabalho, estudo, moradia, lazer, comodidade e tranquilidade. As pequenas cidades, cada vez mais, vivenciam o processo de emigração, principalmente pelos jovens que buscam oportunidades de emprego e estabilidade financeira. Estes deslocamentos que ampliam seus espaços de vida são impulsionados pelo desejo e necessidade de garantir moradia, trabalho, estudo e lazer o que leva à transformações importantes e novas adaptações, promovendo o aprendizado do novo lugar.

Assim, compreender os sentidos e as percepções dos jovens amoreirenses sobre a pequena cidade de São Sebastião da Amoreira/PR é uma inquietude que move esta pesquisa, cuja problemática envolve a dimensão afetiva do lugar, enquanto espaço de vida que se amplia na medida em que se espraiam os desejos e necessidades de habitar e pertencer a novos lugares, constituindo lugaridades (HOLZER, 2014). Durante as conversas, realizadas em diferentes lugares da cidade de São Sebastião de Amoreira/PR, os jovens externaram seus sentimentos de afetos e desafetos pela mesma: “não sou muito apta ao ritmo da cidade”; “nossa cidade, geograficamente, é uma das melhores cidades para morar”; “eu pretendo viver no município”; “eu gosto [...] particularmente pela calma, não tem aquela correria desenfreada das cidades grandes”; “sinto falta dos meus pais”; “tudo é perto, se temos um compromisso não precisamos sair uma ou mais horas antes”. Por meio destes diálogos objetiva-se apreender como os jovens percebem os seus espaços de vida e manifestam seus desejos, atitudes e sentidos sobre os seus mundos.

Mundo é uma essência espacial introspectiva, ou seja, íntima, pessoal. Mas, ao mesmo tempo pode expressar uma geograficidade compartilhada

por milhões de pessoas. Este conhecimento de mundo, lugar, é intuitivo, eidético e inerente – ligado de modo íntimo – à nossa situação de ser-no-mundo. A essência de ser no mundo é de um pertencimento integral entre o ser e as coisas para as quais ele intencionalmente se volta. Nesse sentido, a ideia de mundo é partilhada com a de lugar – este, que existe a partir do compartilhamento de experiências intersubjetivas. Atrelado a estes, mundo e lugar, ainda se encontra a ideia de território, que se apresenta como a afirmação da identidade, do comum-pertencer de determinado grupo, ou mesmo indivíduo, a partir dos lugares (HOLZER, 2014).

Assim, a presente pesquisa apresenta subsídios para se compreender, pela fala dos jovens, como estes se relacionam com seus lugares e desenhem as suas lugaridades, estas intimamente ligadas ao conceito de mundo e território. Por meio da fenomenologia geográfica, ressaltam-se as experiências subjetivas, com foco na educação geográfica humanista, como meio para o resgate de experiências, diversidades e singularidades expressas nos espaços de vida, que se ampliam na juventude, momento em que estes percorrem espaços em busca do novo, de descobertas e oportunidades, caminhos que os levam a conhecer outros lugares, criando novas lugaridades.

Neste sentido, as relações com outros espaços se presentificam nas microterritorialidades, espaços de convivência íntima, de experiências empíricas, pelos quais a humanidade cunhou a sua história e identidade, dando origem, ao que chamamos de lugar, na perspectiva fenomenológica. Mas, pela necessidade de se mudar em busca de novas oportunidades, perde-se a identidade e o enraizamento na pequena cidade? Quais as percepções que os jovens têm dos seus espaços vividos? A experiência sem a reflexão sobre a cidade faz com que se crie imagens negativas da mesma? Eis o que se busca discutir adiante.

A abordagem metodológica utilizada na construção desta pesquisa é a Geografia Humanista de base fenomenológica, cujo método pressupõe considerar as relações humanas, sua interação com o meio, valorizando as significações que o homem tem sobre um dado espaço. No método fenomenológico de pesquisa, o investigador de início, está

preocupado com a natureza do que se vai investigar, de modo que não existe, para ele, uma compreensão prévia do fenômeno, busca-se antes retornar à experiência do mundo a partir de uma consciência pré-científica.

Não se trata de ignorar as teorias científicas, mas colocar “em parênteses” os princípios explicativos ou preconceitos que ofuscam a essência do fenômeno. Inicia-se o trabalho interrogando o fenômeno (MARANDOLA JR, 2005), isso quer dizer que não se conhece as características essenciais do que se pretende estudar (MARTINS; BICUDO, 1989).

Este método, que balizará a pesquisa, leva em conta as ações e as experiências do indivíduo sobre o espaço, a fim de compreendê-lo em sua essência. Como passos para este método, são considerados alguns caminhos para a efetividade da pesquisa, como: a intencionalidade, a redução fenomenológica, a descrição subjetiva e a intersubjetividade (HURSELL, 2012).

Abordado por inúmeros estudiosos e descritos por Holzer (2010), estes caminhos levam à organização das experiências vividas pelo sujeito. A intencionalidade preocupa-se em entender o fato real que torna possível esclarecer uma realidade. Esta ideia envolve fenômenos psíquicos e subjetivos, sendo expressos na relação do sujeito a uma dada situação.

A redução fenomenológica busca a essência dos fenômenos estudados ou a ‘escavação dos sentidos’ por meio das experiências vividas, extraíndo do ser as significações do mundo. Pela redução fenomenológica se compreende as essências, pois em Hurssel (2012) não se busca o conceito em si, mas a anterioridade dos fenômenos estudados.

A descrição subjetiva e a intersubjetividade são fenômenos importantes no método fenomenológico de Hurssel (2012). A primeira dá-se pelo diálogo, na comunicação com as situações. A intersubjetividade ou o diálogo com o outro se dá no contato do sujeito com o exterior, no mundo da vida.

Ao estudar as percepções espaciais, as interrogações devem se fazer presentes e estar voltadas para entender, a princípio, como se pensam estas percepções. Por que acontecem? Onde acontecem? Quando acontecem? Respeitando as dúvidas sobre o fenômeno pesquisado, procura-se caminhar de

forma que os sujeitos tragam as respostas por eles sentidas.

De acordo com Martins e Bicudo (1989, p. 93) “Ao se concentrar nos significados, o pesquisador não está preocupado com os fatos, mas com o que os eventos significam para os sujeitos da pesquisa”. O alvo da investigação é chegar aos significados atribuídos pelos sujeitos à situação pesquisada. Esses significados podem variar de sujeito para sujeito, assim, o pesquisador se defronta com um conjunto de significados (MARTINS; BICUDO, 1989). Neste sentido, esta pesquisa não busca compreender o que são as disparidades de percepções espaciais, mas, como se dão e por quem.

Em decorrência, optou-se por trabalhar com a pesquisa qualitativa de estrutura aberta, na qual não há um número de amostras para a realização da pesquisa, esta, pauta-se em corpos empíricos, em um universo de análise, um conhecimento completo do caso. “Como visa-se um conhecimento completo do caso, não se utilizará a noção de amostras, e, se assim for feito, não lhe conferirá uma aceção ampla” (POUPART, et al, 2008, p.175).

Por ser uma pesquisa qualitativa de estrutura aberta não houve um recorte amostral, de quantos jovens fariam parte da pesquisa. Buscou-se estudar, independentemente do número de pessoas, partindo do universo de análise, as percepções que os jovens cultivavam sobre o espaço vivido, os sentimentos expressos pelo lugar. O universo de análise é entendido como “O universo sobre o qual o pesquisador trabalha, ou que ele tem ao seu alcance [...]” (POUPART, et al, 2008, p.166).

Os locais de realização do trabalho foram os espaços comumente frequentados pelos jovens, ou seja, os espaços vividos em São Sebastião da Amoreira, como a praça central, o centro de lazer, o pequeno centro comercial, os locais de trabalho, os locais de moradia, e a escola. Através de entrevistas, realizadas nestes diversos locais, com roteiro flexível, aberto, ou seja, sem perguntas estruturadas, os jovens expuseram seus olhares e percepções sobre seu espaço vivido.

Em forma de diálogo, logo após a exposição da temática da pesquisa ao participante, este contribuía com comentários, esboçando suas percepções e sentidos pela cidade. Os jovens foram esco-

lhidos nos encontros ao acaso e no planejamento do pesquisador, sendo todos estes moradores, ou jovens em processo de migração pendular e/ou fixa de Amoreira para cidades vizinhas.

Destarte, tais narrativas expressas pelos jovens contribuíram de maneira significativa na compreensão do tema proposto - apreender a percepção e elaboração de sentidos sobre o lugar pelos jovens moradores de São Sebastião da Amoreira.

1. PENSAR O LUGAR E AS LUGARIDADES

Lugar, na perspectiva fenomenológica, pode ser pensado de diferentes formas e significações, revelando as essências expressas pelas experiências dos que o habitam. Como expresso por Buttimer (2015)

Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação. Como outros membros da biosfera, os homens também demonstram padrões marcados de territorialidade (BUTTIMER, 2015, p.6).

Neste sentido, o lugar é o próprio microcosmo, "o mundo do homem", o qual dá sentido à sua existência; logo, é mais que o lugar antropológico, mais que o *habitus* social ou casulo protetor psicológico. Ele é tudo isso ao mesmo tempo, e torna-se significativo, geograficamente, na relação corpórea e simbólica do sujeito com o local (MARANDOLA, 2012).

Assim, os locais passam a ser significativos ao homem na medida em que ele o vivencia. Este, o percebe e lhe atribui valores e significados de forma singular. Neste sentido, "Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente" (TUAN, 1980, p.8).

Enquanto um lugar pode ser extremamente significativo a uma pessoa, a outra pode não ser, "[...] o espaço vivido é muito mais carregado de afetividade que o nosso" (GALLAIS, 1977, p. 8). Os lugares com os quais temos mais intimidade, que visitamos com maior frequência, são mais significativos e afetivos a nós do que espaços pelos quais não criamos identidade.

Os lugares, objetos familiares, constituem o

mundo geográfico do homem. Seja pequeno como o apartamento ou vasto como um oceano, seja um lugar comum tal qual a vizinhança ou estranho como uma cidade distante, o homem é alojado em um mundo geográfico no qual ele pode mudar as especificidades, mas que o circunda de uma forma que ele não pode evitar (SEAMON, 2013). Assim, o mundo são os lugares que circundam o homem, os locais de intimidade.

Os lugares cotidianos, nos quais as pessoas conduzem suas experiências diárias são definidos como o mundo vivido do homem, mundo este, que é reflexo de lugar – construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele habitam (BUTTIMER, 2015).

As disparidades de significações presentes em um mesmo espaço, como exemplo uma cidade, podem ser explicadas pelos sentimentos de topofilia, ou melhor, o "[...] elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 1980, p.5) ou, ainda, a expressão de um sentimento de carinho e afeição por um lugar. Ao contrário, teríamos uma relação de não afeto, que também moldam significações sobre o espaço e sobre os lugares. Pensar o lugar é considerar suas singularidades compostas por experiências, intenções e relações pessoais e, assim, compreendê-lo em sua significância.

Na experiência vivida, o espaço, o tempo e o lugar estão indissolivelmente ligados. Na medida em que melhor conhecemos e vivenciamos um espaço, ele se torna um lugar permeado por sentimentos e significações em um tempo de comunhão e de vivência.

O lugar é uma pausa no movimento. Essa é uma relação entre tempo e lugar [...] a pausa que permite a localização para tornar o lugar o centro de significados que organiza o espaço do entorno (TUAN, 2011, p. 12).

A pausa no movimento é vivenciar e revelar o lugar, que outrora foi um espaço. Vivenciar é permanecer um tempo no lugar para construir afeição e dotá-lo de valoração.

Conhecer um lugar, além de seus aspectos locais, físicos, ambientais, implica considerar as experiências humanas e sentimentos que lhes são imanentes.

[...] O ser humano não é exclusivamente razão; mas igual-

mente alguém que tem sensações, isto é que sente, que percebe, que forma suas imagens a partir da subjetividade. [...] Os lugares, as paisagens assumem concepções a partir das vivências, dos contatos, das identidades, das subjetividades” (LOPES, 2010, p.26-28).

Homem, meio, objetos apresentam relação simbólica e de interação, todos gerando significância e características únicas aos lugares.

A cidade, além do seu espaço físico e sua materialidade, expressa lugaridades, ou seja, uma relação dialógica e múltipla dos indivíduos com os lugares. Estas lugaridades demonstram as microterritorialidades (HOLZER, 2014) compostas pelas histórias de vida, aspectos particulares e circunstanciais da comunidade e dos círculos coletivos onde as pessoas se inserem. As singularidades, as percepções e os sentidos dos lugares é revelado nestes ‘espaços de vida’ cotidianos, os quais não se repetem, são experiências únicas que traçam as individualidades dos lugares (MARANDOLA, 2006). Pode-se dizer, que a unicidade dos lugares são presenciadas pela unicidade de significados que as pessoas depositam sobre o mesmo.

O lugar, com enfoque fenomenológico, é imbuído de significado para uma pessoa ou grupo de pessoas (TUAN, 2011, p. 5). Este espaço de vivências pessoais e intersubjetivas, com centralidade nas ações e sentimentos humanos diferem de espaço para espaço, a partir do cultural, das experiências históricas dos moradores, entre outros aspectos. A mobilidade humana em busca do novo, dos sonhos, de oportunidades permite novas singularidades e vigora a identidade dos que se deslocam, na medida em que os põem em contato com costumes díspares dos seus.

O percorrer de novos espaços, crescem as lugaridades, expressa por Holzer (2014, p.1), como “relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos”. Enquanto lugar é a intimidade com os espaços, as lugaridades são as experiências acumuladas no decorrer da vida, no percorrer de novos espaços. A mobilidade humana amplia as lugaridades do indivíduo, embora as afastem do lugar. Como mostra Frémont (1976, p.30), a intensidade e intimidades dos lugares, diminui do centro (lar, bairro, escola, cidade) para o exterior (outros espaços, cidades, outras microterritorialidades). Enquanto o cursar de novos lugares revelam novos espaços de

vida, intensificam as lugaridades e as microterritorialidades, a pouca mobilidade, traz experiências intensas de lugar (HOLZER, 2014, p.26).

A busca por novos espaços revela as diferentes microterritorialidades, evidenciando costumes, hábitos e tradições singulares. Estas passam a ser reveladas no “movimento”, no percorrer de novas lugaridades como

[...] experiências intensas de lugar, a partir de lugaridades estabelecidas a gerações, e os limites desses territórios estão solidamente estabelecidos, assim como a identidade de *insiders* e *outsiders* é plenamente reconhecível (HOLZER, 2014, p. 26).

Estas lugaridades compõem os ‘espaços de vida’, “noção que permite operacionalizar o habitar, potencializando a descrição da mobilidade ao longo da biografia da pessoa” (MARANDOLA, 2006, p.17) estes são tecidos pelas experiências espaciais, na trajetória do indivíduo, representando os movimentos individuais, objetivados por anseios e receios. A lugaridades se projetam nos espaços de vida, que se intensificam na medida em que se “caminha”, se conhece e vivencia. “O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983, p. 5). Vive-se em um lugar, mas almejam-se outros e este almejar incorpora novos espaços, novas histórias que compõem o que chamamos de “espaços de vida”. Sejam nos movimentos diários, nas mobilidades que se tornam permanentes, os espaços de vida vão sendo desenhados cotidianamente

Ele é animado pela informação qualitativa da experiência da metrópole (a própria história de vida da pessoa), podendo revelar também aspectos subjetivos e circunstanciais (ligados ao lugar, à comunidade ou a outros círculos coletivos que a pessoa está inserida) que interferem diretamente na vulnerabilidade da pessoa. [...] Os jovens, diferentes dos idosos e crianças, tendem a ampliar seus espaços de vida, pois estão em constante mobilidade, os idosos, além da vulnerabilidade óbvia que se desenvolve nesta faixa etária (relacionada à saúde), é significativa a dificuldade de locomoção e de acessibilidade aos lugares (MARANDOLA, 2006, p.2- 10).

Tal fato é observado no município de São Sebastião da Amoreira-PR, no qual a maioria jovem tem se deslocado do município (permanentemente e diariamente) na busca de estudos, trabalho e aperfeiçoamento profissional. Ao deslocar-se amplia-se

as lugaridades e a constituição de novos espaços de vida. No entanto, o constante incorporar de novos espaços de vida e experiências tem mantido o sentimento de pertencimento, afeto pelos lugares primeiros, ou seja, aquilo que definimos como lugar, na perspectiva fenomenológica? Qual a relação dos jovens amoreirenses com os lugares vivenciados na infância e na adolescência, após saírem da cidade e ampliarem seus espaços de vida?

A Figura 1 é uma adaptação das conchas dos homens, de Moles e Rohmer, citado por Frémont (1976), sobre as sucessivas conquistas do espaço vivido, atreladas aos deslocamentos. Procuramos demonstrar que, ao percorrer novos espaços, acrescentam lugaridades e ampliam o mundo vivido do indivíduo, no caso os espaços de vida dos jovens amoreirenses.

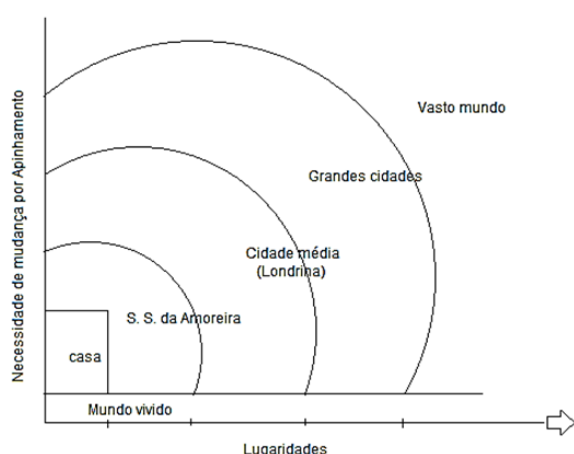


Figura 1: Conchas dos jovens amoreirenses.
Fonte: adaptado de Moles e Rohmer, *apud* Frémont (1976).

A casa e o apartamento são refúgios, rodeados apenas por seres e objetos familiares. O bairro uma extensão da casa, um espaço familiar, diferente da região, na qual o indivíduo vê e passa a ser visto como um estranho, “a região conduz para lá do cotidiano e do familiar” (FRÉMONT, 1976, p.31). O vasto mundo, é a zona de viagens e exploração, o desconhecido, mais ou menos conhecido.

Cada concha apresenta em um determinado momento uma autossuficiência ao indivíduo, quando este não consegue encontrar mais o que precisa dentro deste espaço, procura-se por outros. O refúgio, expresso pela casa e o apartamento, é um

espaço suficiente para a criança, por exemplo, que encontra tudo o que precisa dentro deste espaço. A casa em Bachelard (1993) é o nosso canto no mundo, é o nosso primeiro universo, ambiente em que vivem os seres protetores. Como expressa Gratão, sobre a casa em Bachelard

A casa é analisada enquanto um espaço que, por excelência, cria as raízes do homem no mundo. A casa enraíza em nós. A casa é o nosso ‘canto do mundo’. O canto do ser no mundo, abrigo, amparo, proteção onde se conjuga, articula a intimidade com o mundo. A casa oferece ao homem a segurança da restauração, a segurança do repouso, a segurança do acolhimento. A intimidade reencontrada no interior de uma casa confere ao homem a confiança de ser frente aos apelos do mundo. Só um homem feliz na sua intimidade reencontrada, está certo de ter saído de casa e retornado ao que há no mundo, quando revivido a intimidade da casa vivida (GRATÃO, 2015, p. 153).

A casa é abrigo, lugar onde se fica protegido. No entanto, é preciso lançar-se no mundo, na medida em que se vai crescendo a locomoção vai se tornando necessária, ir à escola, por exemplo, é um ato que não cabe mais ao refúgio, ao abrigo, é preciso ir além.

“O desenvolvimento da sociabilidade autoriza relações de grupo fora da família, ou fora do quadro escolar” (FRÉMONT, 1976, p. 25), o indivíduo no seu processo de socialização, construção de amizades, passa a necessitar de outros espaços além da casa, da escola, ampliando seus espaços frequentados e seu mundo vivido, expresso como “um espaço - movimento e um espaço- tempo vivido” (FRÉMONT, 1976, p. 26). Ou seja, o mundo vivido de uma pessoa são todos os espaços por ela frequentado, todos os espaços no qual se dedicou tempo em conhecer e experienciar.

As necessidades de um jovem, de um adulto vão ultrapassar com o tempo o espaço da cidade, aplicando-se para a região, que envolve outras cidades, levando-o, de acordo com suas necessidades para o vasto mundo. A casa e a pequena cidade aparecem como o espaço de maior afinidade dos jovens amoreirenses. As médias e grandes cidades são espaços a serem percorridos durante a suas trajetórias, que passa a interpretar a cidade, como um espaço “apinhado”, restrito. O jovem a considera apinhada em sentido econômico porque a mesma não oferece empregos suficientes, em um sentido

psicológico, porque impõe muitas restrições sociais ao seu comportamento. Assim, a falta de oportunidade na esfera econômica e de liberdade na esfera social fazem o mundo das pequenas cidades parecerem estreitos e limitados (TUAN, 1983).

Em busca de suprir o “apinhamento” os jovens vão ampliando suas lugaridades, seu mundo vivido, experienciando novos lugares. O apinhamento é uma condição conhecida de todos, num ou noutro momento (TUAN, 1983). É motivado pelo desejo de encontrar oportunidades em um ambiente mais livre, pelo desejo de ter mais liberdade, conhecer outros lugares.

2. LUGAR, CAMINHOS E ESPAÇOS DE VIDA

Os constantes fluxos de saída de pessoas de seus lugares de origem, deixam traços visíveis nas pequenas cidades, como escassez de mão de obra, vazios urbanos, cidades dormitórios, além de ausência e saudade, não visível, mas percebida tanto pelos que se põem a caminho, quanto pelos que ficam no lugar. As pequenas cidades de infraestrutura simples, pouca oferta de serviços urbanos, ausência de universidades e cursos técnicos, frente à globalização, estariam ultrapassadas. Em um período que clama por agilidade de circulação, de tecnologia, de qualificação profissional, as pequenas cidades aparecem como espaços redutores para tantos sonhos. O lugar tem perdido importância e significação para a compreensão da vida moderna (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p.101).

Motivados pela ideia de progresso e liberdade, as singularidades das pequenas cidades aparecem, para os jovens, como experiências redutoras para tantos desejos, o lugar da infância e suas experiências concretas de mundo se dissolvem diante dos olhares pejorativos permeados pela ausência de sentimentos de pertença, como se pode perceber nas vozes dos jovens amoreirenses durante conversas informais realizadas no percurso desta pesquisa.

Jaqueline expressa sentimentos por um lugar que se tornou redutor para o seu projeto de vida:

Gosto de visitar Amoreira, mas morar não. É uma cidade muito atrasada, tanto na área de emprego, como na área da educação, sem contar que a cidade está ‘acabada’, não tem nada pra saúde pública, nem pra lazer. É uma cidade não desenvolvida e isso acarreta vários problemas.

Marisa, que se mudou da cidade a fim de estudar, ilustra como a cidade pequena, embora tranquila, tem deixado de ser um espaço de sonhos para a juventude, que em busca de oportunidades, optam por espaços de vida com maiores oportunidades.

É uma cidade pequena, dependendo da formação não há emprego, como no meu caso, sou formada em Design Gráfico e não há oportunidade. Como já morei em cidade grande, não sou muito apta ao ritmo da cidade pequena, porém para as pessoas mais idosas, a cidade é uma ótima opção como moradia.

Como demonstra Frémont (1976, p.30) a intimidade com os espaços diminui na medida em que os indivíduos se afastam do mesmo. O cursar de novos espaços traz novas percepções sobre o espaço primeiro. Com detalhes que demonstram um sentimento de não pertença, Adriana fala

Gosto de Amoreira sim, mais prefiro morar em Londrina, não sinto falta de morar em Amoreira, sinto falta dos meus pais, [...] a cidade é pequena e todo mundo fica cuidando da sua vida, já Londrina você tem liberdade, não precisa ficar se preocupando com a língua do vizinho e coisa parecida.

Os jovens sentem-se sem espaço, sem liberdade. Numa cidade pequena, as pessoas se ‘espiam’ mutuamente. ‘Espiar’ tem tanto o bom sentido de preocupação como o mau sentido de futilidades e curiosidades. As casas têm olhos. Quando são construídas próximas umas das outras, ouvem-se ruídos dos vizinhos e as suas preocupações. Quando são construídas distantes umas das outras, a privacidade é melhor preservada, mas não garantida (TUAN, 1983, p. 80).

Na busca de liberdade e de suprir as ausências que a pequena cidade apresenta, os jovens de São Sebastião da Amoreira são impulsionados a sair ao encontro de empregos mais rentáveis, de um curso superior, de capacitação técnica, ou mesmo de liberdade que a pequena cidade parece não oferecer. Estes jovens deixam o aconchego da casa, da família, da calmaria das poucas ruas e circulações e se colocam a caminho, em busca de um espaço que satisfaça seus desejos e sonhos relacionados ao projeto de vida que os mesmos esboçaram. Sobre os motivos que levam os jovens a deixar suas pequenas vilas, Tuan (1983, p. 80) lembra que

Os jovens a abandonavam por empregos, liberdade e - em sentido figurado - pelos espaços abertos da cidade. A cidade era o lugar onde os jovens acreditavam que por si sós poderiam progredir e melhorar de vida.

Igualmente acontece com os jovens moradores de Amoreira, motivados pela ideia de progresso, estes procuram espaços que contemplem seus desejos e projeções futuras.

Ao sair da pequena cidade, estes jovens levam em suas 'bagagens' mais que roupas e sapatos: deixam a pequena cidade, mas permanecem nela ao levar consigo as lembranças, sentimentos e afeições pelo lugar.

[...] Quando se deslocam de um lugar para outro, as pessoas levam consigo a cultura, ou seja, os costumes, as crenças, etc., do lugar de origem ao mesmo tempo que entram em contato com a cultura do lugar de destino [...] (CONTE, 2004, p.307).

Se desfazer de laços afetivos, hábitos e costumes não é uma tarefa fácil, pois as bagagens afetivas, emocionais estão sempre cheias e presentes no imaginário dos jovens migrantes. Estes se mudam de lugar, procuram suprir as suas necessidades, mas se mantêm ligados aos seus espaços de vida originais. "Agora estou morando em Londrina, mas sempre que posso vou para Amoreira, visito meus pais, meus amigos e aproveito para descansar" (Bruno).

Os jovens amoreirenses ao deixarem a pequena cidade, buscando em outros espaços funções que a mesma não apresenta, ainda se mantêm intimamente ligados ao seu local de origem.

O homem moderno conquistou a distância mas não o tempo. Durante a sua vida, o homem agora - como no passado - somente pode estabelecer raízes profundas em uma pequena parte do mundo (TUAN, 1980, p. 115).

Existem laços identitários que conectam os jovens e os fazem lembrar destas raízes. Parte dos familiares, por exemplo, permanecem na pequena Amoreira, o que mantém vivo o vínculo com a cidade. Como expresso por Dardel (2011, p.2) há relações de afeto que liga o homem à terra. "O amor ao solo natal ou a busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à terra, uma geograficidade.[...]"

Lembranças, histórias, lugares frequentados, permeiam e aparecem na memória, compondo o imaginário e a história destes moradores.

Com frequência visito a cidade, pois minha mãe vive lá. Gosto das amizades que tenho lá, pois as pessoas se conhecem e acabam ajudando umas às outras, quando são verdadeiras (Marisa).

As pessoas podem ampliar o nosso olhar e experiência de mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos (TUAN, 1983, p. 84). Os lugares são assim constituídos, por pessoas, por lembranças: "Amoreira é bom pelo fato de tudo ser perto, se temos um compromisso não precisamos sair uma ou mais horas antes, é coisa de minutos aqui" (Adriana). Este longo trecho expressa a afetividade de Beatriz, ex moradora da cidade, ao relatar com carinho os sentidos e significados de seu lugar vivido

Sou natural de Curitiba-PR, mas desde muito cedo minha mãe veio para São Sebastião da Amoreira, um município pequeno localizado no norte do Paraná, cidade na qual meus avós maternos moravam. A minha relação com São Sebastião da Amoreira se faz pelo sentimento de pertencimento, gosto do lugar onde eu cresci, fiz amigos, estudei, local que moram boa parte da minha família materna, ou seja, todo meu processo de socialização se fez aqui nessa cidade. Atualmente moro em Londrina, me instalei aqui por conta da graduação (Ciências Sociais), mas pretendo voltar para minha cidadezinha, residir, desenvolver minha profissão e ficar lá por muito e muito tempo. Com o contato com muitos colegas também estudantes e advindos de cidadezinhas interioranas, percebo que muitos não desejam ou sentem vontade de voltar para suas cidades, eles têm algum sentimento negativo com as mesmas, ou por falta de oportunidades, lazer, acesso a bens culturais, não veem em seus antigos lugares de residência como perspectiva para seus futuros. Um pouco me entristece quando eles relatam essa negatividade de morar em cidade pequena, pois é nela que há carência de recursos financeiros, de acesso à cultura, de empregos, lugares onde recursos humanos e pessoas capacidades trariam uma enorme contribuição para o desenvolvimento dessas cidades. Talvez, seja porque muitos jovens não veem perspectiva em lugares do interior, principalmente, pela falta de empregos, tendo a mobilidade geográfica como uma possibilidade de ascensão social. A pobreza para muitos deles se restringe as cidadezinhas, já na "cidade grande" acredita-se que haverá uma esperança.

São demonstrações de afeto que dão significado ao lugar, enquanto essência geográfica. Aqueles que se colocam a caminho para novos espaços, se distanciando de lugares e pessoas que lhes eram comuns, percebem o sentido dos lugares pela saudade, valorizando a magia das coisas simples e corriqueiras. Grandes escritores e poetas brasileiros são exemplos quando relatam com carinho seus espaços vividos. "Os escritores e poetas que alcançaram

melhores resultados em compreender o mundo sensível, são aqueles que dele conseguiram se distanciar [...]” (MARTINS, 2007, p.2). O mesmo carinho e afeto é sentido por aqueles que permanecem na pequena cidade, dando continuidade aos projetos sonhados pela família, que buscam nesta o conforto na simplicidade e na tranquilidade, o que em um espaço maior talvez lhes faltariam, ora a liberdade humana também por se afirmar “ao suprimir ou reduzir as distâncias”, como lembrara Dardel (2011, p.10).

De fato, mudar de cidade não muda o eu, pois o espaço físico não apaga as experiências e sentidos.

Eu gosto de Amoreira, particularmente, pela calma, não tem aquela correria desenfreada das cidades grandes, também não existe muita poluição ambiental e sonora e, devido ao pequeno número de moradores, não existe trânsito (Franciele).

Pode se perceber que os jovens amoreirenses ao deixarem a pequena cidade, em busca de trabalho ou estudo, raramente pensam em retornar, porque “é uma cidade pequena, dependendo da formação não há emprego, [...] não há oportunidade” (Marisa).

Após terminar meu curso (Direito), eu pretendo viver no município, embora o campo de atuação profissional me cause algumas dúvidas [...] um problema que se encontra em nosso município: é falta de estrutura, de oportunidades” (José).

A falta de oportunidades, em relação ao trabalho e aos estudos, tem ofuscado os olhares de alguns jovens, na atribuição de valores ao lugar de origem, embora os sentimentos por este sejam singulares, encontrando em cada conversa detalhes de afeto e desafetos.

O cursar de novos espaços amplia as lugaridades do indivíduo (HOLZER, 2014, p.1), ao saírem de suas cidades os jovens amoreirenses passam a conhecer novos lugares, novas pessoas, criam novas relações de afeto e passam a suprimir as ausências que a pequena cidade impunha. Este distanciar-se do espaço, diminui a intimidade com o mesmo, podendo aflorar relações de afeto pela cidade, como a saudade, as lembranças, ou mesmo tornar os novos espaços, agora frequentados, mais importantes que o primeiro. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 14).

É perceptível os sentimentos expressos por esses jovens sobre a cidade de Amoreira, embora tenham morado e muitos ainda permaneçam na cidade, as percepções são diferenciadas. “As pessoas podem trabalhar no mesmo prédio e experimentar mundos diversos” (TUAN, 1983, p.57). O mesmo acontece com uma cidade, as experiências são diversas, assim como são os espaços de vida, ou seja, a própria história de vida da pessoa (MARANDOLA, 2006, p. 2-10). As percepções são construções individuais, estar em um mesmo grupo social, em um mesmo lugar, não produz visões homogêneas do mundo, cada indivíduo percebe e vivencia de forma singular o seu espaço.

3. EDUCAÇÃO HUMANISTA E O ESTUDO DO LUGAR

A fase da juventude é marcada por desejos, interesses múltiplos e efêmeros, descobertas, escolhas, atitudes e elaboração de sentidos sobre as suas vivências cotidianas com a lugaridade, esta como expressão da microterritorialidade (HOLZER, 2014). Os jovens transitam por diferentes lugares se conectando à vida de muitas pessoas, compartilhando histórias e lugaridades do seu mundo, mas tal vivência não lhes garante a plena atividade do pensar seus espaços de vida, permitindo a consciente construção da identidade e do sentido de pertencimento. Os jovens Amoreirenses, enquanto seres em movimento, sentem-se pertencidos a um lugar, ou a sua cidade natal? Na era da fluidez e instantaneidade das informações é comum ter acesso aos acontecimentos do mundo global, de cidades distantes, mas ignorar fatos do lugar onde se vive.

Em um exercício de pensar o espaço vivido vale questionar-se: Qual o significado do lugar em que vivemos boa parte de nossa vida? O quão relevante é este lugar para o nosso eu? Reconhecemos a sua importância no papel primário de socialização, construção de amizades e de saberes?

Os espaços das pequenas cidades, via de regra, não são pensados do ponto de vista das construções e significados emocionais, pelo contrário, são julgados por sua aparência e estética. Desconsideram-se as construções pessoais, os espaços de vida, as lugaridades que os indivíduos construíram e constroem

sobre as cidades. Pensar o lugar e o seu pertencimento, requer ir além de seus traços estruturais. A construção da identidade e do sentido de pertença na perspectiva humanista-fenomenológica se dá pelo estudo das relações e sensações humanas como uma alternativa à junção entre objetividade e subjetividade, revelando que sentimentos e emoções devem ser incluídos na compreensão dos lugares, estes pequenos mundos que se (re)desenham pelos espaços de vida. Valorizar o lugar enquanto espaço da experiência é uma das contribuições da Geografia Humanista, que aplicada ao currículo escolar potencializa a escola como locus na construção social do indivíduo, lugar para o pensar e compartilhar ideias.

Pensando no ensino-aprendizado das escolas brasileiras é comum a ideia de que o planejamento didático deve ser precedido de diagnósticos da realidade do aluno, enfatizando seu entorno, suas vivências e experiências como pressuposto para se alcançar bons resultados e uma aprendizagem significativa. Mas, como este princípio norteador do ensino tem se desdobrado na prática em sala de aula? Os livros didáticos ou planejamentos têm contemplado os espaços vividos dos alunos, permitindo que os mesmos conheçam e reconheçam as suas singularidades, reveladas pelo sentido dos lugares a partir da identidade pessoal?

A escola tem papel imprescindível para fazer pensar os espaços, os lugares e os seus significados. Esta comunidade aprendente poderá potencializar a reflexão crítica do aluno a partir da rememoração de lugares importantes da cidade, muitas vezes vivenciados pelos alunos e seus familiares, porém não pensados. Porém, em nossos estudos observamos o distanciamento entre os conteúdos dos livros didáticos e as abordagens das pequenas cidades, as quais não são apresentadas como objeto de reflexão. Quando retratadas são figuradas como espaços agrários, de modernidade atrasada, de aspecto pacato, baixa mobilidade de pessoas, de objetos e redes. Estas carências de informações dificultam a possibilidade de conhecer e reconhecer as pequenas cidades como espaços importantes do ponto de vista político, social, cultural, econômico e ambiental. "Todo lugar tem significado. Combinações de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos[...]" (FRÉMONT, 1976, p.139).

Pelo material didático usado no ensino médio, pelos jovens amoreirenses, observamos a ausência de retratos da pequena cidade. Poucos, ou quase nenhum jovem, ou mesmo morador conhece a geografia ou a história do município. Tal ausência, de conteúdos que abordam as especificidades do lugar, no currículo escolar e livros didáticos, contribuem para extirpar os sentimentos de pertencimentos, ignorando a importância da compreensão do sentido de lugar e da formação de identidades.

Ensinar a identidade terrena possui um traço ético marcante, por focalizar a necessidade de considerar-se, cada um, habitante do planeta e este como sua pátria, impondo em todos um comportamento responsável e ético em todas as esferas, desde a política e social, até a cultural e ambiental (MARANDOLA, 2004, s/p).

A ideia de buscar outros lugares, percorrer novos espaços de vida, ao encontro de oportunidades que o espaço atual não apresenta, não deve corromper, nem mesmo desenraizar, o real significado e sentido de lugar. Todavia, se as significâncias que a pequena cidade apresenta não forem exercitadas, estas podem se tornar ocultas, gerando olhares pejorativos sobre o espaço vivido, fato perceptível em algumas falas dos jovens, sujeitos desta pesquisa.

O afastamento destes jovens da cidade, dado pela mobilidade, pode não significar apenas o distanciamento do espaço físico, mas do sentido de pertencimento, de não se sentir parte da cidade. Há uma necessidade de aproximação de conceitos e práticas, contribuição que a Geografia Humanista, por trabalhar as singularidades e as subjetividades, pode ofertar ao reconhecer e valorizar os espaços de vida, as lugaridades e o lugar, enquanto essências geográficas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções sobre o município de São Sebastião da Amoreira- PR, expressa por jovens moradores e ex-moradores, que compartilham em comum experiências vividas nos espaços que compõem a cidade, são divergentes. Nas falas destes jovens encontram-se sentimentos de pertencimento, de não identidade, sentimentos de afeto e desafeto. Há quem reconheça nestes espaços, simples em sua infraestrutura, verdadeiras essências, que vão além

da materialidade. Percebe-se nas falas traços de valorização dos espaços que marcaram a infância, que permearam os cenários de muitas histórias e socialização. Há, também, a não valorização refletida nas infraestruturas precárias, na ausência de trabalhos, de cursos e de opções de lazer. A mobilidade na qual estes jovens estão inseridos, ora os aproxima dos seus espaços vividos, através de recordações, sentimentos de saudade, ora os levam para mais longe, desacreditados, buscando suprir as ausências deste espaço.

Pelos olhares, pouco sedutores, pelos espaços desta pequena cidade, ilustra-se a necessidade de uma aproximação entre jovens e seus espaços, dado pelo conhecimento, histórias, informações, diálogos sobre o mesmo, para que este seja visto como singular, não precário e acabado, sem lazer e divertimento. Conhecer e entender os lugares e o sentido de pertencimento, é uma forma de zelo, de carinho, que os moradores passam a ter pelos seus lugares.

Os espaços de vida dos indivíduos são singulares e traçados cotidianamente sobre os lugares, desconsiderar o lugar em seus sentidos e subjetividades é negligenciar a dimensão existencial dos sujeitos. O lugar é ponto de identificação, intimidade e troca de experiências. As percepções negativas, ou a falta de uma identidade, que os jovens criam de sua cidade podem estar vinculadas ao fato de não a percebê-la além de sua infraestrutura física, ou reconhecê-la pela importância enquanto uma composição de lugares onde a vida acontece.

Os sentimentos de afeto e desafeto podem estar vinculados as predefinições que são criadas no espaço vivido, a pesquisa documental em livros didáticos e no currículo escolar demonstrou o distanciamento entre os conteúdos destes em relação à necessária abordagem sobre o potencial das pequenas cidades, se tal abordagem não se apresenta em documentos oficiais é muito provável que não sejam apresentadas como objeto de reflexão nos bancos escolares. Em observações de sala de aula e conversas informais com os jovens e com seus professores, conclui-se que, quando as pequenas cidades são retratadas, são figuradas como espaços agrários, de modernidade atrasada, de aspecto pacato, baixa mobilidade de pessoas, de objetos e redes. Estas carências de informações dificultam a possibilidade de conhecer e reconhecer as pequenas cidades como espaços importantes do ponto de vista

político, social, cultural, econômico e ambiental.

Em suma, a aproximação indivíduo e espaço vivido (e pensado) poderá acontecer por meio de estudos sobre a pequena cidade, o que potencializará a construção de um novo olhar sobre os lugares, percebendo-os além do visível, compreendendo que a cidade não é somente um emaranhado de ruas, prédios, coisas e pessoas, mas, sobretudo é tecida por uma infinita rede de inter-relações, de significações e intencionalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, N. Lugar e Sujeito – perspectivas teóricas. In: MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. *Qual o Espaço do Lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93- 116.

BUTTNER, Anne. Lar, Horizontes de alcance e o sentido de lugar. *Geograficidade*. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 4-19, 2015.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

CONTE, F. Migrações: o homem em busca do lugar ideal. *Faz Ciência: Revista de Ciências Humanas e Ciências Sociais*. 2004. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7415>. Acesso em: 09 jan. 2016.

DARDEL, E. *O homem e a terra*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRÉMONT, A. *A região, espaço vivido*. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

GALLAIS, J. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro: Geografia, Periódicos IBGE a.1,- n.1 IBGE, 1977. p. 1-14.

GRATÃO, Lucia. A 'casa' de Bachelard e sua potência poética na educação. *ENEIMAGEM, Anais... V Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina, v.4. p. 149- 159, 2015.

HOLZER, W. Sobre Territórios e lugaridades. *Cidades*, v. 10, n. 17, p. 19-29, grupo de estudos urba-

nos, UNESP, 2014. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/3232/2746>. Acesso em: 29 maio 2016.

HOLZER, Werther. *O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia*. Temas e Caminhos da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 37-72, 2010.

HURSSSEL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

LOPES, J.G. A geografia humanística como ferramenta de ensino. *Geosaberes: Revista de estudos geoducacionais*. 2010. Disponível em : <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/51/pdf2>. Acesso em: 09 jan. 2016.

MARANDOLA JR, E. Mobilidade e vulnerabilidade nos espaços de vida de Campinas. *Encontro Nacional de Estudos Populacionais-ABEP*, v. 15, 2006.

MARANDOLA, Jr. Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983, tradução 2012.

_____.; Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: CUNHA, J. M. P. (org.). *Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011, p. 95-115.

_____.Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. *Terra Livre*, Ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez. 2005.

_____.; TAKEDA, M. Pedagogia ambiental e pedagogia da complexidade: da tríade à Educação Humanista. 2004. *GeoCrítica / Scripta Nova*. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1.de mayode 2004, vol. VIII, núm. 164. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-164.htm>. Acesso em: 08 ago 2015.

MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São

Paulo: Educ/Moraes, 1989.

POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 124- 211.

SEAMON, David. Corpo-Sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar/Body-subject, time-space routines, and place-ballets. *Geograficidade*, v. 3, n. 2, p. 4-18, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, v.01, n.01, Inverno 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/1/pdf#> Acesso em: 29 maio 2016.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Notas de Fim:

1- Este artigo é parte integrante da pesquisa realizada no Curso de Especialização de Ensino de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina/PR.

Correspondência das autoras:

Danieli Barbosa de Araújo
e-mail: danieli_g5@hotmail.com

Jeani Delgado Paschoal Moura
e-mail: jeanimoura@uol.com.br

Artigo recebido em: 10/01/2016

Revisado pelas autoras em: 21/05/2016

Aceito para publicação em: 02/06/2016
